

CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DE PROJETOS: A EXPERIÊNCIA DO GRUPO 3 ATRAVÉS DE MINI HISTÓRIAS

Jessika Maria Vanderlei ¹
Bruna Luna Wanderley ²
Penha Patricia de Oliveira Laurenti ³
Emmanuelle Christine Chaves ⁴

RESUMO

Este artigo objetiva refletir sobre caminhos para construção de projetos na Educação Infantil a partir da experiência de um grupo de treze crianças, entre 3 e 4 anos, de um CEI da rede privada de Recife, Pernambuco, que tem seu cotidiano entrelaçado aos princípios das abordagens Pikler e Reggio Emilia. Para isso, compartilhamos fragmentos de um projeto vivenciado no primeiro semestre de 2023, que teve como guia a curiosidade das crianças que estavam a criar hipóteses sobre os “pontinhos amarelos” presentes em papoulas vermelhas. Partindo das narrativas, surgiu o projeto “Os bichinhos, a natureza e eu: um interesse que é meu” no qual foram realizadas vivências a fim de oportunizar às crianças a construção de um sentido mais profundo acerca de eventos que as atravessam. A discussão é um convite para uma observação mais atenta para “o que comunicam as crianças” e também para se pensar nos caminhos para a construção de um projeto. Para tanto, de início, mergulhamos numa discussão partindo do questionamento “o que podemos aprender sobre aquilo que nos cerca?” refletindo sobre a construção de um projeto que valorize o caminhar das crianças, construa memória, identidade e pensamento crítico-reflexivo. Em seguida, apresentamos mini-histórias que contam desdobramentos do trilhar das crianças e tangenciam o início, o meio e o fim do projeto pedagógico, pondo em pauta a importância da atitude do educador no acolher e agregar das narrativas das crianças em todo o processo. Por fim, fazendo um diálogo entre o ponto de partida e a última vivência oportunizada na investigação, enfatizamos os processos de como construir estruturalmente um projeto pedagógico. Com isto, ressaltamos as contribuições da construção de um projeto que privilegia a escuta atenta aos interesses da criança, oportuniza a construção autônoma e torna visível o percurso trilhado pelos protagonistas.

Palavras-chave: Educação Infantil, projetos, autonomia, Abordagem Pikler, Abordagem Reggio Emilia.

¹ Graduada pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - PE, jessika.pedagogiaufrpe@gmail.com;

² Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, brunalunaprof@gmail.com

³ Graduada pelo Curso de Pedagogia da Unilavras - Centro Universitário (MG), penhalaurenti@gmail.com;

⁴ Professora orientadora: Doutora em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco - PE, emmanuelle.csilva@ufrpe.br.



INTRODUÇÃO

A ideia de infância é uma construção histórico-cultural atrelada à concepção de criança, antes compreendida como sujeito passivo no processo de aprendizagem e, atualmente, amplamente reafirmada pelos documentos educacionais oficiais como sujeito dotado de potencial, com desejo e direito de produzir sentidos a partir de suas vivências cotidianas, em diferentes contextos e por meio de múltiplas linguagens. Observa-se, nesse cenário de conquistas, a superação do caráter assistencialista anteriormente atribuído à escola e a consolidação desta como espaço no qual os direitos da criança devem ser respeitados e as aprendizagens nutridas por meio de estratégias intencionais de observação, pesquisa e experimentação. Nesse processo, professores e crianças participam ativamente da construção de uma nova cultura educativa, sem perder de vista a essencialidade de refletir continuamente sobre caminhos possíveis para, de fato, propiciar a construção de conhecimentos significativos (Gandini et al., 2019).

Partindo dessa perspectiva e em diálogo com Malaguzzi (2016), precursor da Abordagem Reggio Emilia, a criança é dotada de multilinguagens e de capacidades autônomas de construção de pensamentos, questionamentos, hipóteses e percepções, que se afinam e amadurecem nas interações estabelecidas consigo mesma, com o outro e com os espaços. A escola, por sua vez, se configura como ambiente de múltiplas oportunidades para o desenvolvimento integral, considerando dimensões expressivas, comunicativas, sociais, afetivas, críticas e científicas, em que crianças e adultos se tornam coautores de uma cultura educativa mais criativa e emancipatória.

Nesse sentido, os projetos se constituem como uma estratégia privilegiada para sustentar a pedagogia da escuta e da participação. Inspirados nas concepções de Malaguzzi, os projetos possibilitam que os interesses e curiosidades das crianças sejam reconhecidos como impulsionadores de investigações coletivas, nos quais o professor assume o papel de pesquisador e mediador, organizando contextos que favoreçam a construção coletiva de significados e nutrendo as plurais formas de expressividade do conhecimento. A pedagogia organizada em projetos, portanto, rompe com a lógica transmissiva e linear de ensino, por muito tempo enraizada, valorizando percursos investigativos que emergem do cotidiano, se transformam em experiências de pesquisa e promovem aprendizagens significativas.

Assim, associando as premissas educacionais construídas no contexto cultural da Itália com o cenário brasileiro, em conformidade com a BNCC (Brasil, 2018, p. 37), “as práticas



pedagógicas devem ter como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, garantindo experiências que possibilitem às crianças aprender em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, por meio da reflexão, da imaginação, da experimentação e da exploração”. Tal fragmento legislativo, reforça a importância de pensar a Educação Infantil como espaço de vivências emancipatórias, em que o brincar, a pesquisa e a escuta atenta constituem-se como fundamentos da educação.

Em suma, este relato objetiva compartilhar, por meio de mini-histórias, sessões de um projeto intitulado “Os bichinhos, a natureza e o eu: um interesse que é meu”, com recorte no percurso vivenciado acerca das abelhas, cujo ponto de partida e continuidade foram sustentados pela curiosidade e pelo interesse investigativo de crianças entre 3 a 4 anos. Buscamos, ainda, refletir sobre a relevância da observação atenta e da escuta sensível na construção de projetos na prática docente da Educação Infantil.

Cabendo pontuar que a instituição em que a experiência se desenvolveu possui inspirações nas abordagens de Pikler e Reggio Emilia, ambas que afirmam a criança como sujeito de direitos, multifacetado e potente, destacando ainda a importância de privilegiar o brincar, o vínculo afetivo, a autonomia e a organização intencional dos espaços, favorecendo múltiplas possibilidades para a construção de conhecimentos significativos a partir do que atravessa e instiga cotidianamente as crianças.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como pesquisa qualitativa de cunho descritivo. Os dados foram coletados através da observação que para Severino (2017) permite a aproximação do universo estudado sendo imprescindível em pesquisas de cunho qualitativo, fichas de sessão (documento utilizado para escrever as narrativas e processos vivenciados pelas crianças) e fotografia.

Este relato foi realizado em um Centro de Educação Infantil da rede privada em Recife-PE situado no bairro de Casa Forte, este espaço atende crianças da Educação Infantil. O público alvo é composto por um grupo de 15 crianças com três e quatro anos de idade, as experiências descritas narram recortes do primeiro semestre de 2023.



REFERENCIAL TEÓRICO

A abordagem projetual na Educação Infantil

A abordagem projetual na Educação Infantil constrói sua fundamentalidade alinhada à compreensão de que as crianças constroem conhecimento, de forma mais significativa, a partir de suas experiências e interações com o mundo. Nesse contexto, Dewey (1967 apud Kishimoto, 2010) afirma que a aprendizagem emerge do envolvimento ativo do sujeito com a realidade, quando o conhecimento científico e simbólico se articula à vida concreta da criança. Assim, o trabalho com projetos reafirma a centralidade da experiência infantil e do protagonismo das crianças como condição essencial para que o conhecimento se torne vivo, integrado e significativo.

Nessa direção, Malaguzzi (2016), salienta que o trabalho em projeto vem privilegiar a criança como o eixo central do currículo, seguida dos adultos e, posteriormente, do ambiente, reconhecido como o “terceiro educador”. Sob essa ótica, o espaço e seus elementos - materiais, luz, texturas e relações - assumem papel mediador na construção de aprendizagens e significados. Essa visão desloca o foco de uma educação transmissiva para uma pedagogia da escuta, que valoriza o pensamento infantil e reconhece as crianças como sujeitos criativos, investigativos e produtores de cultura. Como destaca Malaguzzi (apud Rinaldi, 2012), “as coisas para as crianças e das crianças se aprendem somente com as crianças”. Assim, o papel do educador é o de quem escuta, dialoga e documenta, tornando visíveis os processos de aprendizagem que emergem do cotidiano.

Nesse cenário, a abordagem projetual não se limita a uma metodologia, mas constitui uma postura ética e estética diante da infância. Ela pressupõe um olhar que valoriza a curiosidade, o erro, o tempo da descoberta e o pensamento divergente. Como destacam Galardini e Iozzelli (2017), dar visibilidade aos acontecimentos e aos itinerários de experiência das crianças é afirmar o valor da escuta, da narrativa e da construção coletiva do conhecimento. Assim, o trabalho com projetos, sustentado pela documentação e pela escuta atenta, configura-se como uma prática viva, capaz de promover uma educação que reconhece o aprender como experiência compartilhada e como direito de todos.



A “criança como sujeito potente” à luz da Abordagem Reggio Emilia

A abordagem Reggio Emilia traz enquanto concepção de criança um sujeito potente capaz de se expressar e comunicar através de múltiplas linguagens. Essa criança tem formas de conceber o mundo, para compreender e exemplificar seus pensamentos/representações, utiliza-se de estratégias distintas para se comunicar com o outro. Essa potencialidade está presente em todas as crianças, cabendo ao adulto oportunizar meios para que as linguagens cheguem até as crianças.

As crianças pequenas são encorajadas a explorar seu ambiente e a si mesma através de todas as suas linguagens naturais ou modos de expressão incluindo palavras, movimentos, desenhos, pinturas, montagens, escultura, teatro de sombras, colagens, dramatizações e músicas (Edwards, Gandini e Forman 2016,p.23)

Essa abordagem traz como outro pilar a valorização da escuta sensível e atenta ao que as crianças têm a dizer, considerando-as como seres completos com diferentes jeitos e características que se manifestam em situações cotidianas em um movimento constante de inventar e se reinventar (Edwards, Gandini e Forman, 2016).

Corroborando com este olhar sobre as crianças a Abordagem Pikler a evidência a enquanto ser autônomo e potente, que mesmo no início da sua vida tem vontades e direitos que devem ser considerados pelos adultos do convívio da criança. A criança não precisa ser ensinada a todo o instante, tão pouco ter um adulto intervindo diretamente em suas ações. Para Emmi Pikler a criança é capaz de aprender a partir de sua própria ação defendendo a importância de um adulto presente que respeite seus limites e potencialidades (Falk, 2016).

Essa ação autônoma preconizada por Emmi Pikler ocorre tanto naturalmente quanto a partir do encorajamento da participação ativa nas atividades que dizem respeito a seus interesses e necessidades. A criança é um indivíduo que desde o seu nascimento é um agente ativo nos espaços em que transita, produtor de cultura e estabelece relações com o meio que o cerca (Falk, 2016).

Mini-histórias: um caminho possível para documentação pedagógica

A documentação pedagógica é um dos pilares da Abordagem Reggio Emilia e se manifesta como ferramenta de reflexão, escuta e visibilidade dos processos de aprendizagem. A documentação pedagógica é compreendida como um processo contínuo e intencional de registro e reflexão sobre as experiências de aprendizagens das crianças. Por meio de diferentes linguagens – como fotografias, vídeos, textos e produções – busca-se tornar visíveis



os processos, as ideias e os sentimentos das crianças, dos educadores e das famílias. Segundo Rinaldi (2012), a documentação “é um ato político e ético”, pois torna pública a inteligência e a competência das crianças, convidando os adultos a repensarem suas concepções sobre infância e aprendizagem. Fochi (2015) enfatiza as três partes da documentação pedagógica: observação-registro-interpretação.

Dentre essas diversas formas de documentação, destacamos as mini histórias. Mini histórias são narrativas curtas de episódios significativos do cotidiano, tendo a criança como protagonista. Por meio das mini histórias, o educador pode registrar momentos observados, hipóteses construídas, conceitos explorados, diálogos que revelaram pensamentos, ações que evidenciaram evolução de competências. As mini histórias oferecem espaço para que os educadores observem, relatem e analisem episódios vividos, favorecendo a reflexão sobre a prática pedagógica.

Fochi (2017) define mini histórias como uma breve narrativa imagética e textual que interpreta as situações observadas, tornando visíveis “rapsódias” do cotidiano escolar. Ele destaca que essa documentação fortalece a reflexão crítica, a escuta ativa e a construção coletiva do saber, possibilitando a qualificação das práticas educativas.

Em síntese, as mini histórias configuram-se como uma forma acessível e potente de documentação pedagógica, capaz de valorizar o cotidiano na escola, oportunizar reflexões transformadoras e envolver toda a comunidade educativa. A perspectiva de Fochi evidencia o caráter formativo e participativo dessa prática, reafirmando as narrativas como ferramentas significativas para uma educação mais consciente, reflexiva e colaborativa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A experiência foi desenvolvida em um Grupo 3 de um Centro de Educação Infantil da rede privada, situado no município de Recife, Pernambuco, que se inspira nos princípios da Abordagem Pikler e da Abordagem Reggio Emilia. Os fragmentos a seguir, desdobramentos do tema investigativo “Os bichinhos, a natureza e o eu: um interesse que é meu”, fazem parte de um percurso vivenciado pela educadora de referência, em parceria com a gestão pedagógica, ao longo do primeiro semestre de 2023.

O desenvolvimento do percurso perpassou o entrelaçar de diálogos entres as crianças, que partilhavam suas bagagens sobre a natureza, e as educadoras, que se dedicavam em tornar as narrativas curiosas das crianças como ponto de partida para os desdobramentos do trilhar



investigativo.

Relato de experiência: os bichinhos, a natureza e eu, em mini-histórias

Antes de definir o tema central da investigação, a educadora se dedicou a observar, buscando responder perguntas essenciais: para onde as crianças olham? Quais interesses comunicam? Certo dia, em meio a essa sondagem, a mesma presenciou a entrada, sem convite prévio, de uma das crianças em um espaço preparado para um posterior desenho de observação.

Lucas se aproximou do contexto com seu olhar, singelo e atento, direcionado a uma papoula disposta sob a mesa. Ele observou, tocou, sentiu, em silêncio. A educadora, percebendo o envolvimento, perguntou o que ele estava a fazer? o que estava observando com tanto afínco? E foi surpreendida com uma hipótese singela que explicava em detalhes o motivo da coloração amarela na flor. Comprometida em narrar a jornada das crianças, a educadora registrou o episódio na mini-história “*O segredo das papoulas*”:



O segredo das papoulas

Em uma manhã ensolarada, ao entrar em sua sala de referência, Lucas encontrou-se diante de uma papoula de cores vibrantes. O vermelho tomava por inteiro suas pétalas; o amarelo cintilava em pequenos pontos no estigma; e o verde suavemente cobria cada folha ligada àquela flor. Sob o olhar de Lucas, a flor ganhou narrativa. Movido pela curiosidade, ele estendeu a mão e tocou uma pétala. Foi então que seu olhar se voltou para um minúsculo amarelo escondido no interior da flor. Dessa percepção nasceu um “achismo”: a hipótese de que uma abelha teria pousado delicadamente ali, batido suas asas e deixado um pouco de seu precioso mel para trás. Desde então, cada vez que Lucas avistava um amarelo pequeno e gracioso dentro de uma flor, fazia florescer novamente essa possibilidade. A flor fez florescer. E o florescer abriu espaço para

semear novos aprendizados.

Conforme narrado, Lucas repetia sua hipótese sempre que encontrava um detalhe amarelo em uma flor. Dias depois, em uma proposta de livre brincar com elementos naturais, a narrativa retornou, mas para sua surpresa, agora partilhada também por Francisco. O diálogo oportunizou a produção de uma nova mini-história:



O melzinho e o trabalho das abelhas

Era dia, as crianças estavam a brincar num espaço organizado para a sua ação de explorar. As flores lhes chamaram atenção e, ao mesmo tempo que faziam a sua pesquisa, comunicavam suas hipóteses com convicção. Com uma flor amarela na mão, Lucas quis partilhar aquilo que estava a pensar:

- “Eu acho que a abelha vai colocar melzinho aqui dentro quando a gente dormir.”

E depois de colocar o mel, o que aconteceria? Francisco, apontando primeiro para o broto e depois para flor já aberta, completou:

- “Isso cresce igual isso. E depois, vem a abelha e bota o mel. E depois, outra abelha vem e pega o mel.”



Diante da consolidação do interesse coletivo, a educadora promoveu uma assembleia, confirmando as abelhas como uma das ramificações do projeto investigativo. Para a primeira sessão oficial, preparou um espaço com três elementos: uma mamangava, lupas e uma mesa de luz. Então lançou a pergunta: Quem são as abelhas?



Cem teorias sobre uma mamangava

As crianças estavam interessadas em pesquisar. A partir do questionamento "Quem são as abelhas?", por Cem Linguagens as crianças começaram a comunicar: sentimentos, hipóteses e percepções daquele bichinho que estava ali para o explorar.

Em uma mão, seguravam uma mamangava; na outra, uma lupa; no olhar, expressões.

Sobre a abelha, Helena anunciou:

- “É um inseto.”

Logo em seguida, Francisco completou:

- “A abelha é um animal que coloca mel para a gente comer.”

Enquanto ele falava, Lucas se esticava para observar mais de perto. Também quis partilhar uma hipótese:

- “Eu acho que elas têm asas para voarem no céu, para encontrar uma casa pequena para morarem.”

Davi, com um sorriso, acrescentou:

- “Ela faz bzzzz.”

E todos concordaram.

Maya, por sua vez, pontuou:

- “Ela faz mel. Ela faz frutas.”

Vicente trouxe um aviso importante, em tom de alerta:

- “Elas picam.”

Sobre isso, Lucas concluiu:

- “Eu acho que a abelha voa e pica os gigantes, a criança, o adulto... para se proteger.”



Nessa sessão, a educadora, além de acolher as narrativas que estavam a fluir do diálogo, percebeu que algumas crianças ao mesmo tempo que demonstravam interesse comunicavam também, por meio da linguagem oral ou corporal, a exemplo de Nicole, medo e/ou receio do contato direto com a abelha disponibilizada. Refletindo sobre o fato de que nem todas as crianças haviam conseguido de fato dedicar-se em inteireza à exploração, a educadora, em momento posterior, reorganizou o espaço, os convidando para investigações individuais ou em pequenos grupos, respeitando os tempos de cada criança.

O olhar, o toque e a confiança

O pesquisar perpassa etapas: observar, tocar, sentir, refletir e comunicar. Mas cada uma dessas ações também se desdobra em processos. Cada criança investiga em seu próprio tempo. Começa pelo conhecer, arrisca-se, constrói confiança e, pouco a pouco, tece suas descobertas. Às vezes sozinha, às vezes na companhia de um amigo. Nesses momentos, um incentivo paciente e sensível é sempre bem-vindo. Nicole demonstrava interesse em pesquisar sobre uma abelha mamangava, mas ainda guardava certo receio para com a ação do toque. Maya, percebendo a hesitação da amiga, se sensibilizou e disse com firmeza afetuosa:

- “Olha, Nicole! Ela não morde. Pode pegar!”

Em seguida, reforçou com suavidade:- “Tá tudo bem.”

Enquanto falava, segurou delicadamente a mão de Nicole, a encorajando ao toque. Pouco depois, deixou-a livre para que, sozinha, tocasse a abelha. No instante em que o fez, ambas sorriram, expressando felicidade e orgulho pela conquista compartilhada.



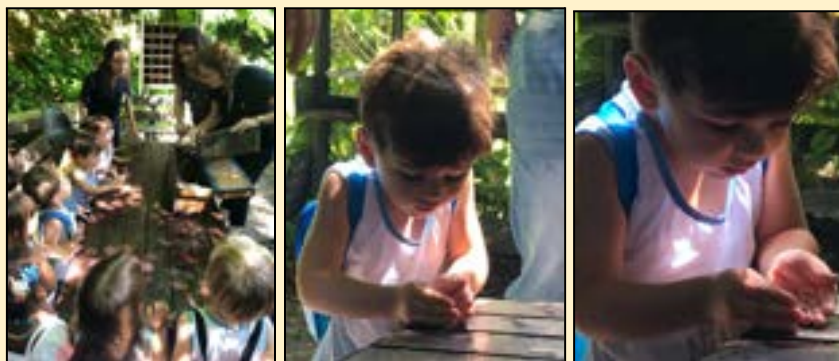
A experiência protagonizada pelas duas revelou, de forma nítida, a riqueza de uma rede recíproca de apoio e afeto nas relações entre crianças. No cotidiano, dia após dia, percebemos que as ações dos adultos funcionam como espelho, uma vez que, atitudes de ternura, acolhimento, reconhecimento e incentivo à autonomia reverberam e se transformam em iniciativas espontâneas das próprias crianças, umas para com as outras.

Sendo um dos papéis do educador acolher os interesses das crianças e oportunizar vivências que lhes permitam consolidar conhecimentos e construir sentidos em profundidade, a educadora atendeu ao desejo coletivo de “ver de verdade” as abelhas. Para além das leituras



e investigações realizadas em sala, promoveu uma visita ao Setor de Apicultura da UFRPE, proporcionando uma experiência de imersão em múltiplas linguagens, na qual as crianças puderam ver, tocar, ouvir, cheirar, sentir, perceber, levantar hipóteses e atribuir significados.

O desejo partilhado: “ver de verdade”



No setor de apicultura, os olhares das crianças se encantam com o movimento e o voo das abelhas. Curiosas, aproximam-se da caixa devagar. A professora retira uma tela, e, em instantes, as abelhas ganham o ar. Uma delas pousa sobre a mesa, pequenina e sutil. Lucas, a encontra e se aproxima, com um gesto gentil. Alguns segundos se passam, seus olhos permanecem fixos naquele pequeno ser. Então, toma uma decisão: aproxima lentamente suas mãos, formando uma cerquinha revestida de um convite singelo. Ela o aceita, sobe em sua mão. Seu olhar a brilhar e a boquinha semiaberta revelam surpresa e também alegria. Ele a ergue suavemente até o rosto e sorri. A abelha voa, o sorriso permanece.

Com essa visitação fechamos um ciclo investigativo que veio oportunizar não apenas a construção de conhecimentos de cunho científico, mas também o despertar de percepções singulares diante do cotidiano, a valorização das descobertas mais sutis e a ampliação do olhar sensível para aquilo que muitas vezes se mostra imperceptível aos adultos. Nessa instância, cada mini-história, compartilhada amplamente com a comunidade pedagógica, se tornou uma forma para tornar visível não apenas o que as crianças investigavam, mas também a forma como pensavam, sentiam e atribuíam sentidos ao mundo que as cercava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propôs-se a refletir sobre os caminhos para a construção de projetos na Educação Infantil, considerando o protagonismo das crianças e a relevância da escuta sensível na prática docente, a partir de fragmentos do projeto “Os bichinhos, a natureza e o eu: um interesse que é meu”. Ao longo da trajetória, buscamos oportunizar reflexões acerca do valor dos projetos como estratégia para alicerçar uma pedagogia da escuta e da participação significativa, conforme defendido pela Abordagem Reggio Emilia, que enfatiza a



importância de se construir um sentido mais profundo sobre aquilo que nos atravessa, reconhecendo a intencionalidade pedagógica do educador como elemento mobilizador dessa construção.

Cabe ainda salientar que, as práticas da educadora não seguiram de forma literal todas as preceituações das abordagens Pikler e Reggio Emilia, mas, em diálogo com seus princípios, a mesma oportunizar condições em que as crianças construíssem sentidos de forma autônoma, participativa e significativa. Favorecendo, em paralelo, a ampliação do repertório de experiências das crianças, possibilitando não apenas a aprendizagem de conteúdos sobre a natureza, mas também o desenvolvimento de competências socioemocionais, de cooperação, autonomia, criatividade e pensamento crítico.

Dessa forma, reafirmamos que o trabalho com projetos, fundamentado na escuta ativa, na valorização dos interesses e questionamentos infantis e na documentação pedagógica das investigações, constitui uma estratégia potente para promover aprendizagens significativas na Educação Infantil. Experiências como “os bichinhos, a natureza e o eu” evidenciam que a construção de conhecimentos e de sentidos se dá de maneira integrada, envolvendo afetividade, curiosidade e interação social, reforçando a concepção da criança como sujeito ativo, criativo e pleno de potencialidades, capaz de transformar o mundo que a cerca por meio de suas descobertas e reflexões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 13 jul. 2025

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Penso, 2016.

FALK, Judit. **Abordagem Pikler: Educação Infantil**. 1. ed. São Paulo: Omnisciência, 2016.

FOCHI, Paulo Sergio. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário? Comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva**. Porto Alegre: Penso, 2015.



FOCHI, Paulo Sergio. **Rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil** – OBECI. São Paulo: PE, 2017.

GALARDINI, Anna Lia e IOZZELLI, Sonia. Dar visibilidade aos acontecimentos e aos itinerários de experiência das crianças nas instituições para a pequena infância. In: MELLO, Suely Amaral; BARBOSA, Maria Carmem Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart. **Documentação Pedagógica: Teoria e Prática**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. (p. 87-98)

GANDINI, L.; HALL, L.; CADWELL, L. B.; SCHWALL, C. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2019.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Currículo e conteúdos específicos da Base Nacional Comum de Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação, 2010. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/Tizuko_Morchida_Kishimoto.pdf. Acesso em: 15 de agosto. 2025.

MALAGUZZI, L. (2016). História, ideias e princípios básicos: Uma entrevista com Loris Malaguzzi. In C. Edwards, L. Gandini & G. Forman (Orgs.), **As cem linguagens da criança: A experiência de Reggio Emilia em transformação** (pp. 45-85). Porto Alegre: Penso.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2017.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

